

# O processo alternativo de readaptação de indivíduos adictos frente ao ambiente de uma comunidade terapêutica: um relato de experiência

Maria Eduarda Queiroz Sena Leão<sup>1</sup>, Júlia Monteiro da Silva Ferreira<sup>1</sup>, Maria Fernanda Tavares Santos<sup>1</sup>, João Vitor de Andrade Borges<sup>1</sup>, Ana Luiza Pontes Costa Wolney<sup>1</sup>, Henrique Paes Rogério Brito Fernandes<sup>1</sup>, Juliane Macedo<sup>2</sup>, Danúbio Antônio de Oliveira<sup>2</sup>

1. Discente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA.

2. Docente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA.

**RESUMO:** Este relato de experiência expõe uma ação educativa realizada pelos alunos do quarto período do curso de medicina da Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA) proposta pela subárea de Humanidades e Comunicação IV. A atividade teve como objetivo inserir os acadêmicos no cotidiano de uma comunidade terapêutica no estado de Goiás, na qual adictos são acolhidos para que passem por um processo de recuperação frente aos problemas gerados pelo abuso ou dependência de drogas lícitas e ilícitas. Desse modo, a visita colocou em pauta um cenário expressivamente presente na saúde pública, que afeta não só o indivíduo, mas que levanta consequências sociais e estruturais para toda a sociedade, enfatizando a importância dos profissionais de saúde na construção de um meio adequado para a reabilitação dessas pessoas.

## Palavras-chave:

Adultos.  
Drogas.  
Dependência química.  
Reinserção social.  
Reabilitação.

## INTRODUÇÃO

O consumo de substâncias psicoativas, apesar de desde sempre estar presente na sociedade, é um assunto que tem se tornado cada vez mais abordado e discutido no atual cenário brasileiro. Substâncias psicoativas são aquelas que atuam sobre o cérebro agindo na modulação do sistema mesocorticolímbico - especificamente no núcleo accumbens - o qual é conhecido como centro de recompensa do sistema límbico. Elas trabalham como bloqueadoras da recaptção de dopamina nas fendas sinápticas resultando, assim, em um acúmulo de dopamina neste local, gerando uma sensação de prazer mais prolongado, e com isso, conseqüentemente, levando ao vício Martin et al. (2013). Dado essa forma de atuação, essas substâncias modificam o funcionamento normal do cérebro do indivíduo, podendo assim, provocar alterações no humor, na percepção, no comportamento e nos estados da consciência.

Essas substâncias psicoativas, popularmente chamadas de drogas, estão divididas em duas classificações: ilícitas - as quais seu uso se constitui um crime - e em lícitas, as quais o uso é liberado por lei. Porém, independente da classificação da substância, ela pode levar o usuário a tornar-se um adicto, gerando impulsos que o levam a utilizá-la de forma contínua ou periódica a fim de se obter a sensação de prazer. Uma pesquisa realizada em 2015, citada por Gomes-Medeiros et al. (2019), estimou que 250 milhões de pessoas já fizeram uso de algum entorpecente e em torno de 11% destas desenvolveram um padrão de uso arriscado ao ponto de desenvolver dependência.

Durante a abordagem do palestrante e coordenador da comunidade em que visitamos, foi muito enfatizado sobre as recaídas e como eles a observam mais presentes em adictos ao álcool. Acontecimento este relatado também por Vazquez et al. (2018) que diz: “sintomas de abstinência mais graves, mais desejos por substância em pacientes depressivos mais frequentemente apresentam recaídas com álcool”.

Além disso, no Brasil notou-se um grande número de pessoas que têm contato com substâncias ilícitas nas escolas, sendo relatado como o primeiro contato. Esses dados surgiram também na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), evidenciada por Paz et al. (2018), que entrevistou alunos do nono ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas e constatou prevalência de 7,3% para o uso de substâncias ilícitas na vida, 19,6% para tabaco e 66,6% para uso de álcool. Dessa forma, estes achados evidenciam o fácil acesso que estudantes, geralmente menores de idade, têm a essas substâncias, o que leva a uma exposição precoce e uma maior chance do uso e abuso delas.

Cada vez mais aparecem novas drogas e o início do consumo é notado em idades mais precoces, como cita Vazquez et al. (2018). Tal fato foi observado na prática pelos alunos visitantes durante a palestra e nos relatos de experiência dos membros da comunidade, os quais alegaram terem entrado no mundo das drogas em idade inferior aos 18 anos e durante o período escolar.

O objetivo deste relato é descrever detalhadamente nossa vivência em uma realidade oposta ao nosso cotidiano e de muitos, e que se faz de extrema importância para a construção acadêmica na área da saúde a qual estamos submetidos. Haja vista, nesta descrição informaremos e compararemos uma reunião de experiências reais e relatos científicos. Discutiremos também da vivência de ex-adictos, que hoje longe das drogas pertencem a comunidade de apoio e que ali moram e se tratam para uma melhor e mais digna qualidade de vida e uns aos outros ajudam inúmeros outros homens a também se livrarem das drogas.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

O projeto foi realizado na instituição especializada em reabilitação de dependentes químicos e alcoólatras no dia 18 de abril de 2023, das 08h às 11h. A instituição acolhe adictos com uma faixa etária entre 18 e 59 anos, sendo todos do sexo masculino. O programa de reabilitação completo dura 9 meses

e conta com atendimento médico voluntário uma vez ao mês dentro da própria instituição. Além disso, quando há disponibilidade de atendimento no consultório odontológico da UniEVANGÉLICA, os adictos são levados até a universidade para receber os devidos cuidados.

Em nossa visita, participamos do momento de devocional dos adictos (figura 1) e, logo após, uma palestra ministrada pelo coordenador do local, que contou a história do lugar e sua importância para a sociedade. Além disso, houve também a participação ativa dos adictos na ação por meio de contribuições verbais, compartilhando suas experiências, sentimentos e expectativas, principalmente sobre sua reintegração na sociedade após a reabilitação. Uma parte de extremo sentimento é o tempo da reabilitação, 9 meses, o mesmo tempo que uma mãe passa por uma gestação e gera uma vida. Assim, o fato de o projeto durar 9 meses significa que é gerada uma nova vida, aquela que entrou e a que irá sair são completamente diferentes: uma vivia para a droga, a outra luta contra ela.

Ademais, o grupo se surpreendeu com as informações recebidas durante a conversa: as dificuldades financeiras enfrentadas pela instituição por falta de apoio do poder público, a discriminação no atendimento aos adictos (inclusive por profissionais da saúde) em hospitais e postos de saúde, além da quantidade de relatos em que a escola foi citada como o lugar de introdução à drogadição.

Durante a palestra a palavra “monstro” foi citada, vocábulo comumente usado por pessoas de abundante ignorância para se referir a um adicto. Uma palavra que, nem na maior distância, deve ser utilizada para referir-se a uma pessoa que enfrenta um momento de reabilitação. Todavia, realmente há “monstros” nessa história, os verdadeiros e cruéis, aqueles que ficam na porta de escolas, infiltrados em festas, aqueles bons amigos, os quais oferecem a “primeira pedra”, ou o “primeiro fumo”... Estes sim são monstros reais e livres, construindo um mercado e até mesmo fortunas em cima da fraqueza de algumas pessoas. Monstros estes que não somem com o tempo, mesmo após o indivíduo estar reabilitado.

A comunidade também apresentou os critérios de aceitação para reabilitação: ser um homem que tenha entre 18 e 59 anos. No mais, não importa a classe social, a etnia ou o grau de dependência, todos que desejam mudar sua vida são aceitos na comunidade, assim como todos têm a livre escolha de ir embora.

Por fim, fomos conduzidos para conhecer o espaço da instituição: uma chácara ampla e muito bem organizada, com muitos locais para variadas atividades, trabalho e lazer. A área não possui nenhum tipo de cerca ou muros para que, assim, todos os adictos em fase de recuperação tenham o direito de ir e vir, ou seja, para que sejam livres na escolha em permanecer na comunidade para reabilitar-se ou para retirar-se do local e abandonar o tratamento. Essa característica é preservada para que a comunidade não se assemelhe com algum tipo de prisão.

Conhecemos também a rotina diária dos moradores da instituição, os horários estabelecidos para cada momento e as respectivas atividades. Dentre as atividades diárias dos moradores, vale ressaltar



que existe a oportunidade de frequentar a escola para terminar os estudos ou para se alfabetizar, oportunidades de trabalho dentro da própria chácara para auxiliar na reabilitação, na busca da sua nova identidade e na compreensão dos seus sentimentos, academia para manutenção da saúde física e mental, além da oportunidade de realizar graduações em cursos acadêmicos para que, dessa forma, os adictos estejam preparados para ter uma digna reinserção social.



**FIGURA 1.** Momento devocional da manhã, com participação dos alunos e dos internos da comunidade terapêutica.



**FIGURA 2.** Foto com todos os acadêmicos de Medicina e Odontologia que participaram da ação, juntamente com alguns membros da comunidade presentes no dia da visita.

## DISCUSSÃO

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM IV, a dependência química é caracterizada como “agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos, indicando o uso contínuo pelo indivíduo apesar de problemas significativos relacionados à substância” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Sobre a prevalência, Marcon et al. (2012) e Santana et al. (2023) concordam que os homens têm maior prevalência no uso de drogas em relação às mulheres, sendo assim o sexo masculino considerado como um fator de risco para a dependência de drogas. Fator que foi visto na comunidade terapêutica visitada, composta exclusivamente por homens. Além disso, Marcon et al. (2012) também constatou que a prevalência de sintomas depressivos é maior em usuários dependentes de álcool, apresentando sintomas físicos e psicológicos, sendo a dependência de drogas um fator de risco para desenvolvimentos de depressão e outros transtornos mentais e os sintomas depressivos sendo fatores de comprometimento da qualidade de vida. Fato, esse, vivenciado pelos adictos do local, que encontram-se constantemente imersos nas atividades da comunidade para que desenvolvam seus sentimentos, seus interesses e a sensação de pertencimento ao grupo, evitando assim, distúrbios como a depressão e a ansiedade.

Segundo os estudos de Machado, Matos e Anaya (2014), os pacientes em reabilitação recebem tratamento psicofarmacológico com antidepressivos desde sua chegada na tentativa de reduzir os sintomas de abstinência, assim como acontece na comunidade terapêutica em questão. Por mais que drogas como crack, maconha, cocaína e cigarros possam provocar quadros depressivos, a maior parte desses episódios, na verdade, estão relacionados com o uso de álcool e de opióides, substâncias essas que são classificadas como depressoras. Neste estudo, concluiu-se também que os pacientes que apresentavam sintomas depressivos geralmente não utilizam o crack.

Constatou-se também que, para evitar o efeito depressor que o álcool causa no organismo, muitas vezes os indivíduos adictos fazem o uso dele associado à cocaína, uma vez que esta é uma droga psicoestimulante. Por isso, indivíduos que são álcool-dependentes acabam tornando-se também dependentes de cocaína, pois se deixam de consumi-la, acabam sentindo os efeitos depressores do álcool (MACHADO, MATOS e ANAYA, 2018).

Quanto à atividade reabilitativa desses dependentes químicos, em Mendonça et al. (2016) constatou-se que não há humanização do usuário se não houver construção de vínculo entre eles e os assistentes. Ao estabelecer esse vínculo, é possível criar-se um espaço de acolhimento, permitindo assim, o usuário sentir-se mais à vontade para expressar suas dúvidas e suas angústias para recuperar sua qualidade de vida e sua autoestima que, por vezes, está abalada após perder o controle de si para o vício.

Como uma das ferramentas para trabalhar a materialização e a expressão de sentimentos e emoções, Azevedo et al. (2014) constatou que a atividade arteterapêutica manifesta-se como um importante canal para alcançar tal objetivo. De acordo com esses autores, o processo criativo possibilita que o

sujeito entre em contato consigo, de modo a criar, reconstruir e expressar suas emoções e imagens. Notou-se que o trabalho em grupo proposto pelas oficinas se configurou como algo essencial para o andamento da proposta como um todo, haja vista o estímulo para a divisão de materiais, diálogo, atenção e respeito consigo próprio e para com o grupo (MENDONÇA, B. et al, 2016). Durante a visita do grupo à comunidade, foram observadas várias atividades que os internos participam ao longo de sua estadia, como por exemplo, aprender a tocar instrumentos musicais, cantar, e até mesmo retomar os estudos, auxiliando, dessa forma, não só na manutenção da comunidade em si, mas como também na própria recuperação e reconstrução da identidade e das emoções de cada adicto, confirmando o que os estudos de Mendonça et al. (2016) constataram.

Observou-se também que a equipe acabou por se tornar um referencial de futuro melhor e de oportunidades posteriores. Foi possível ouvir planejamentos futuros por parte dos participantes, que apontavam para a ideia de reabilitação. Nesse sentido, os estudos de Mendonça et al. (2016) mostraram que muitos planejaram uma vida pós projeto envolvendo: família, emprego, estudo, religião e até mesmo recomeçar em outra cidade, confirmando a experiência que o grupo teve durante a roda de conversa com os internos do local sobre suas expectativas acerca da retomada da vida pós reabilitação.

O Ministério da Saúde instituiu o Programa Nacional de Atenção Comunitária Integral aos Usuários de Álcool e outras Drogas, tendo em vista a necessidade de promover estratégias que visassem fortalecer a rede de assistência, favorecendo a reabilitação e a reinserção desses usuários na sociedade. Dessa forma, os Centros de Atenção Psicossocial – CAPS ad surgem como uma alternativa de atendimento, que contemplam em seus projetos terapêuticos “práticas de cuidados que contemplem a flexibilidade e a abrangência possíveis e necessárias a esta atenção específica, dentro de uma perspectiva estratégica de redução de danos sociais e a saúde” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004). Tal programa complementa o auxílio das Comunidades Terapêuticas e oferece perspectiva aos adictos após completarem o programa de 9 meses, já que o medo da recaída e da volta ao abuso depois que saíssem foi uma preocupação bastante expressa pelos adictos durante a nossa visita.

De acordo com os estudos de Siqueira et al. (2015), a reinserção social na perspectiva dos familiares está fortemente relacionada também ao apoio ou suporte social, na busca de serviços ou instituições que possam auxiliar o indivíduo nesse processo e na possibilidade de mantê-lo entretido, por meio do emprego ou da escolarização. O objetivo das ações de reinserção social deve ser a reconstrução da vida cotidiana em três aspectos principais: casa, trabalho e rede social (SOUZA, K. et al. 2016). Ainda nos estudos de Souza et al. (2016), eles identificaram a inserção no mercado de trabalho e o envolvimento da família com a comunidade terapêutica, por meio de atividades em conjunto, como estratégias fundamentais para a reinserção social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



O uso de substâncias é mais prevalente em homens e a dependência química está diretamente relacionada ao desenvolvimento de depressão e outros transtornos, além de uma má qualidade de vida. Dessa maneira, o uso de drogas deve ser considerado não apenas pelos seus efeitos biológicos, mas também em aspectos que envolvem esse indivíduo envolto em um contexto cultural e social (SILVA, A. et. al. 2020).

Nesse contexto, a ação na Comunidade Terapêutica demonstrou para o grupo seu papel significativo ao ajudar indivíduos vistos pela sociedade como “monstros” a encontrarem um novo sentido para suas vidas e enfrentarem as adversidades e, ao mesmo tempo, viverem as alegrias do processo de cura e reabilitação. Por fim, a ação foi especialmente importante para ampliar a visão de mundo dos alunos e mudar sua percepção acerca do mesmo, tendo contato com diferentes realidades e entendendo seu papel como profissional de saúde em ajudar adictos que estão ou não em reabilitação.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V. **Porto Alegre: Artmed**, 5 ed., p. 483, 2014.

AZEVEDO, E. B. *et al.* Arteterapia como promotora da qualidade de vida e inclusão social de profissionais e usuários. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 12, n. 2, p. 167-176, 2014.

GOMES-MEDEIROS, D. *et al.* Política de drogas e Saúde Coletiva: diálogos necessários. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 7, pág.1-14, 2019.

MACHADO, A. V.; MATOS, Y. L. R.; ANAYA, T. P. Sintomatología depresiva en adictos a drogas ilegales. **Multimed Revista Médica**, v.22, n.1, p.153-166, 2018.

MARCON, S. R. *et al.* Quality of life and depressive symptoms among caregivers and drug dependent people. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 20, 2012.

MARTIN, J. H. Neuroanatomia. **AMGH Editora Ltda.** 4ª edição, p. 400, 2013

MENDONÇA, B. E. L. *et al.* Inclusão social e reabilitação psicossocial de dependentes químicos apenados. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, v. 4, n. 2, p. 206-218, 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas. **Rev. Ampl. Brasília: Ministério da Saúde**, 2ª edição, p. 22, 2004.

PAZ, F. M. *et al.* Promoção de saúde escolar e uso de drogas em escolares no Sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 58, 2018.

SANTANA, C. J. *et al.* Morbimortalidade e fatores associados ao óbito em internados por efeitos do álcool e outras drogas. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 27, 2023.

SILVA, A. B. *et al.* Desvelando a cultura, o estigma e a droga enquanto estilo de vida na vivência de pessoas em situação de rua. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 25, n. 10, p. 3713-3721, 2020.

SIQUEIRA, D. F. *et al.* Reinserção social do indivíduo dependente de crack: ações desenvolvidas pela família. **Texto & Contexto Enfermagem** v. 24, n. 2, p. 548-553, 2015.

SOUZA, K. S. *et al.* Reinserção social de dependentes químicos residentes em comunidades terapêuticas. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 12, n. 3, p. 171-177, 2016.